

Alguém Tem Que Pagar!

(Juízes 9)

Bruce McLarty

Por ter vivido um tempo na África Oriental, fiquei assustado e preocupado com a guerra civil em Ruanda, em 1994. Quando o pesadelo brutal começou a se desdobrar, uma capa da revista *Time* trouxe uma foto dos corpos de inúmeros refugiados esmagados e mortos na fronteira entre Ruanda e Zaire. O artigo da capa falava da crueldade inacreditável para com esse povo sem esperanças. Em meio à fome e à cólera, o ódio tribal ainda fervia. A revista relatava o seguinte: “No começo da semana passada, os trabalhadores dos reforços notaram um soldado hutu indo de tenda em tenda com uma granada na mão, à procura de crianças tutsi para matar”¹. Como humanos, quando vemos tamanha crueldade, instintivamente pensamos: “Alguém tem que pagar!”

Outra revista, a *Reader's Digest*, costuma trazer artigos que descrevem as piores injustiças do sistema judiciário: um motorista condenado por dirigir alcoolizado processou a cidade que o indiciou e foi indenizado com noventa mil dólares; uma assassina que havia esfaqueado o namorado vinte e duas vezes foi sentenciada a apenas cinco anos de visita a um terapeuta; a um homem que assassinou a mulher foi concedida a custódia dos dois filhos depois que ele havia cumprido apenas cinco anos de liberdade condicional². Novamente, nossos corações clamam: “Alguém tem que pagar!”

¹Bruce Crumley, Marguerite Michaels e Andrew Purvis, “Cry the Forsaken Country” (“Clamor do País Desamparado”), *Time*, 1º de agosto de 1994, p. 34.

²“Crime and Punishment” (“Crime e Castigo”). *Reader's Digest*, abril de 1994, pp. 112-13.

Às vezes, nossa indignação diante da injustiça provém de uma experiência pessoal. Talvez alguém tenha mentido para você, talvez você tenha sido traído por um amigo, ou talvez tenha sofrido um prejuízo financeiro por causa de alguém que não se mostrou digno de confiança. Quando acontecem injustiças, ficamos magoados e enfurecidos. Queremos justiça, e a queremos agora! “Alguém tem de pagar!”

“ATÉ QUANDO, Ó SENHOR?”

Inúmeras vezes, no Livro de Salmos, o clamor por justiça é expresso numa linguagem que nos arrebatava o coração:

Suscita contra ele um ímpio,
e à sua direita esteja um acusador.
Quando o julgarem, seja condenado;
e, tida como pecado, a sua oração.
Os seus dias sejam poucos,
e tome outro o seu encargo.
Fiquem órfãos os seus filhos,
e viúva, a sua esposa.
Andem errantes os seus filhos e mendiguem;
e sejam expulsos das ruínas de suas casas.
De tudo o que tem, lance mão o usurário;
do fruto do seu trabalho, esbulhem-no os
estranhos.
Ninguém tenha misericórdia dele,
nem haja quem se compadeça dos seus órfãos.
Desapareça a sua posteridade,
e na seguinte geração se extinga o seu nome.

Na lembrança do Senhor, viva a iniquidade de
seus pais,
e não se apague o pecado de sua mãe.
Permaneçam ante os olhos do Senhor,
para que faça desaparecer da terra a memória
deles (Salmos 109:6-15).

Ao escrever o livro neotestamentário de Apoca-

lipse, João teve permissão de olhar embaixo do altar celestial e ver as almas dos que haviam sido martirizados por causa de sua fidelidade. Essas almas clamavam em grande voz: “Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (Apocalipse 6:10). Essa foi a maneira desses mártires dizerem: “Alguém tem que pagar!” Porque há injustiça em toda a parte, por toda a parte há o clamor por justiça. O espírito humano anseia que a justiça seja colocada na balança, que as iniquidades sejam castigadas e que haja recompensa para a retidão.

ABIMELEQUE, FILHO DE GIDEÃO

Embora Gideão tenha se recusado a ser rei de Israel (8:23), ele se casou e procriou como um rei! Suas muitas esposas lhe deram um total de *setenta* filhos. Além dos filhos de suas esposas, ele também teve um filho que nasceu de uma concubina de Siquém (8:31). Uma concubina geralmente era uma escrava que usufruía de alguns direitos legais e era considerada inferior às outras esposas de um homem. O filho dessa concubina se chamava Abimeleque, que em hebraico significa “meu pai” (Abi) é “rei” (-meleque). Devido à recusa de Gideão em tornar-se rei, parece estranho que um filho dele tenha recebido o nome de “meu pai é rei”. É provável que o nome tenha sido dado pela mãe do moço, a qual tinha uma visão de Gideão diferente da que ele mesmo tinha de si. Por outro lado, pode ser que o nome carregasse o significado espiritual “meu pai [Deus] é rei”. Qualquer que tenha sido a intenção original do seu nome, Abimeleque veio a acreditar que ele tinha o direito de ser rei em Israel.

A história de Abimeleque difere do que temos visto até este ponto do Livro de Juízes, no sentido de que Israel não estava buscando libertação de nenhum opressor estrangeiro, e Abimeleque não é de forma alguma descrito como um juiz. Deus não admitiu o reinado de terror de Abimeleque, mas o texto é claro quanto ao interesse de Deus em resolver essa crise.

Após a morte de Gideão, Abimeleque foi até seus parentes de Siquém e pediu-lhes apoio em sua tentativa de se tornar rei daquela região (9:1). Sendo Abimeleque provavelmente descendente de cananeus, a população de Siquém uniu-se para apoiá-lo e prover-lhe a verba necessária

para levantar um exército. Com esses aventureiros inconseqüentes, ele partiu para a cidade de Ofra e “matou seus irmãos, os filhos de Jerubaal, setenta homens, sobre uma pedra” (9:5). O único que escapou foi Jotão, o caçula, que ao ver o que se passava, fugiu. Regozijando-se no esplendor do seu triunfo, Abimeleque voltou a Siquém, onde foi coroado rei. Naquela noite, a cidade de Ofra deve ter se enchido de gritos de viúvas e crianças órfãs lamentando pela matança que haviam acabado de presenciar. Com certeza, muitos gritaram: “Alguém tem que pagar!”

Jotão, ouvindo que seu meio-irmão era agora rei, subiu no alto monte Gerizim e gritou lá de cima ao povo de Siquém (9:7). A mensagem dele foi na forma de uma parábola, uma história de algumas árvores que pediram a uma oliveira para reinar sobre elas. A oliveira acreditava ser valiosa demais para se tornar rei, de modo que as árvores foram até uma figueira. Novamente, elas foram ignoradas pela árvore que se julgava importante demais para abandonar o local e se tornar rei. Depois de ouvirem um não também de uma videira, as árvores finalmente se dirigiram a um espinheiro pedindo que ele reinasse sobre elas e ele aceitou. A mensagem de Jotão era óbvia: Abimeleque era o espinheiro que reinava sobre Israel! As árvores e plantas mais valiosas da floresta haviam recusado a posição; somente o espinheiro desprezado quis ser rei. Quando Jotão terminou de proferir a parábola, fugiu e se escondeu de Abimeleque.

Um dos detalhes mais desoladores na história de Abimeleque é que ele governou “três anos sobre Israel” (9:22). Durante três longos anos, as mortes dos filhos de Gideão ficaram sem vingança. Durante três longos anos, o mal triunfou e o bem sucumbiu. Durante três longos anos, almas atribuladas ficaram perguntando a Deus: “Até quando?”

A REVOLTA DE SIQUÉM

Quando Abimeleque foi coroado rei, ele insistiu em governar desde Arumá, oito quilômetros a sudeste de Siquém. No final de três anos, o povo de Siquém revoltou-se contra Abimeleque e deu início a uma guerrilha para derrubá-lo (9:22–25). Durante esse tempo, um homem chamado Gaal mudou-se para a cidade e começou a agitar o povo a ficar contra o rei. Um dia, durante uma festa em que se embriagaram, algumas

peessoas ousaram amaldiçoar Abimeleque e Gaal respondeu oferecendo-se para liquidá-lo. Quando a notícia dessa rebelião chegou a Abimeleque, ele reuniu suas tropas e as conduziu numa marcha noturna para pegar de surpresa os habitantes de Siquém. Quando amanheceu, ele reprimiu a revolta. Na intenção de usar aquela cidade desleal como um exemplo, Abimeleque preparou uma emboscada para as pessoas que saíam para trabalhar nos campos. Ele as matou, destruiu a cidade e espalhou sal por cima de toda a área para garantir que ela não fosse recuperada (9:45)! A seguir, voltando-se para uma torre aonde mil pessoas haviam acorrido para se esconderem num templo subterrâneo, ele a incendiou e matou cada um que ali estava.

Talvez pressentindo que a revolução de Siquém tivesse se espalhado, Abimeleque e seus homens partiram para sitiá-la cidade de Tebes. Pretendendo fazer a essa cidade o mesmo que fizeram a Siquém, eles se prepararam para atear fogo na torre onde todo o povo havia se enclausurado contra o exército homicida. Julgando-se invencível, Abimeleque foi negligente. Ao dirigir-se para junto da torre com o fim de atear fogo, uma mulher lançou uma pedra da torre, que atingiu o rei Abimeleque na cabeça, quebrando-lhe o crânio (9:53).

Morrer numa derrota era uma tragédia, mas morrer pelas mãos de uma mulher era uma desgraça (4:9, 21). Sabendo que estava morrendo, Abimeleque mandou seu escudeiro matá-lo para que não se dissesse: “Mulher o matou” (9:54). O moço obedeceu, Abimeleque morreu e Israel voltou para casa.

DEUS RETRIBUIU

Novamente, temos uma história que está cheia de matança, deslealdade e iniquidade. Quando esses acontecimentos ocorreram, milhares de pessoas devem ter clamado por justiça, e se convencido de que a justiça não passava de um sonho. No final, porém, a justiça foi feita. Uma mensagem que é claramente ensinada nesta história é que foi Deus quem equilibrou a balança da justiça.

Fazia três anos que Abimeleque governava Israel, quando Deus *enviou um espírito maligno* entre Abimeleque e os cidadãos de Siquém, e estes agiram traiçoeiramente contra Abimeleque. *Isso aconteceu para que o crime* contra os setenta filhos de Jerubaal, o derramamento do

sangue deles, fosse vingado em seu irmão Abimeleque e nos cidadãos de Siquém que o ajudaram a assassinar os seus irmãos (9:22–24; NVI, grifo meu).

Assim *Deus retribuiu a maldade* que Abimeleque praticara contra o seu pai, matando os seus setenta irmãos. *Deus fez também os homens de Siquém pagarem por toda a sua maldade*. A maldição de Jotão, filho de Jerubaal, caiu sobre eles (9:56, 57; NVI, grifo meu).

As Escrituras ensinam que Deus é justo e julgará o mundo com justiça. Os assassinos de Ruanda serão castigados. O abuso de crianças e a perseguição a pessoas inocentes serão retribuídos. Cada roubo, cada estupro, cada traição e cada mentira serão tratados por Deus. Alguém vai ter que pagar!

A confiança na justiça final é muito mais do que uma certeza teológica; é o fundamento para se viver com amor e perdão na era presente. Sabendo que Deus equilibrará a balança da justiça no final, estamos livres da compulsão de procurar nossa própria vingança. Paulo combinou essas duas idéias, o julgamento de Deus e o estilo de vida do cristão, em sua carta aos cristãos de Roma:

Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens; se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens; não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem (Romanos 12:17–21).

Num mundo em que quadrilhas exemplificam o ciclo interminável de violência, vingança e mais violência, Deus deixa o Seu povo livre da insanidade de retribuir prometendo que Ele mesmo fará justiça. Isto nem sempre acontece imediatamente. Há crimes que não são desvendados e pessoas perversas muitas vezes ficam anos impunes. Apesar disso, podemos ter certeza de que, no final de tudo, alguém vai pagar!

QUEREMOS MESMO JUSTIÇA?

Embora tudo isto seja uma boa notícia para as pessoas que odeiam a injustiça no mundo, torna-se uma má notícia quando pensamos nos crimes que nós praticamos contra Deus! Será que realmente queremos viver num mundo onde o pecado é sempre castigado? Queremos que Deus

nos trate com justiça? Certamente que não! Dr. Jimmy Allen, meu professor de Romanos na faculdade, costumava ilustrar isto contando sobre uma ocasião em que ele foi detido pela polícia estadual por excesso de velocidade. “Na hora”, disse ele, “você quer misericórdia, e não justiça!” Quando se trata de nossos pecados, todos nós queremos misericórdia, e não justiça. Queremos perdão, e não justiça. Quando comparecemos perante Deus, todos nós somos culpados e carecemos de misericórdia. É esta situação desesperadora que nos leva à cruz de Cristo!

Alguns missionários cristãos têm se surpreendido com budistas que ouvem com entusiasmo a apresentação do evangelho vindo depois a informar os cristãos que o que eles chamam de “boas novas” é, para um budista, imoral. Insistem em que para se alcançar uma justiça verdadeira neste mundo, é preciso pagar por cada pecado! Dizer que não temos de pagar pelos nossos pecados, portanto, é algo ofensivo para eles. Em busca de respostas para essas objeções, alguns missionários chegaram à conclusão de que a refutação dos budistas é o ponto perfeito para dali começarem a contar a história de Jesus. O pecado foi pago por Ele — e a um preço terrível! Em escala mundial, a justiça foi feita! Na cruz, Deus não estava fechando os olhos para o pecado; Ele estava insistindo para que se pagasse totalmente pelo pecado. Esta é a nossa mensagem de justiça.

Hoje as pessoas têm uma visão destrutiva e

diferente do pecado. O pecado é ignorado, negado, justificado, explicado e reduzido a “algo de menor valor”. Tratar o pecado dessa maneira não é, de maneira alguma, tratá-lo. O pecado é real e destrói — quer o reconheçamos quer não! É preciso que se pague pelos pecados cometidos! Todos nós merecemos uma sentença de morte. As boas novas são que Jesus morreu no nosso lugar, aceitando em Seu próprio corpo o castigo pelos nossos pecados!

Colossenses 1:21–23

“E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis, se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu...”

CONCLUSÃO

Alguém tem que pagar! A tragédia de Abimeleque nos faz lembrar que alguém vai pagar. Pode levar anos, e pode ser no juízo final, mas alguém vai pagar. Demos graças a Deus porque os cristãos podem humildemente e com gratidão declarar ao mundo: “Jesus pagou pelos nossos pecados!” □

“Não havia rei em Israel”

“Não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto” (Juízes 21:25). Essa frase famosa que encerra o livro de Juízes é geralmente considerada uma descrição do estado de anarquia. É claro que isto está parcialmente correto, pois não havia nem profeta nem rei para guiar a nação. Mas as famílias e tribos permaneceram intactas e os fortes laços de sangue continuaram à medida que o povo agia em parceria com as comunidades locais e submetido aos anciãos dessas comunidades. Houve tempos de apostasia, quando os israelitas seguiram os caminhos dos cananeus — anos de escravidão e desgraça. Ainda assim, as tribos retiveram fé suficiente no Senhor Deus para orar nos momentos de crise pedindo misericórdia e libertação. Não se esqueceram da aliança do Senhor dada por intermédio de Moisés e o tabernáculo de Siló permaneceu em pé por muitas gerações como um sinal da promessa de Deus a Israel. [Deus] não deixou de operar em favor deles, por meio de juízes heróicos, cujo poder espiritual era com muita frequência reduzido por causa das paixões humanas ou da falta de entendimento da vontade de Deus.

“Os tempos dos juízes foram tempos realmente difíceis, mas melhores dias viriam...”

Juízes/Rute
Arthur H. Lewis